

## Pluralismo Religioso: neoconservadorismo e movimentos Neopentecostais

### *Religious Pluralism: Neo-Conservatism And Neo-Pentecostal Movements*

Drance Elias da Silva  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - Brasil

#### Resumo

Como sabemos, a relação entre pluralismo religioso, neoconservadorismo e movimentos neopentecostais é marcada por tensões e alianças estratégicas, a saber: neopentecostais e o pluralismo religioso crescem em sociedades pluralistas, mas adotam discurso de "guerra espiritual" contra outras religiões, especialmente as de matriz afro; além disso, buscam hegemonia cultural, desafiando a ideia de igualdade entre religiões. Por sua vez, a aliança com o neoconservadorismo tem se expressado no compartilhamento de uma agenda moral, assim como no campo político, atuando conjuntamente em apoio a governos e leis alinhadas a valores tradicionais. Essa articulação forma uma aliança pragmática: os neopentecostais ampliam seu poder político, os neoconservadores expandem sua base de apoio, e o pluralismo religioso se torna uma disputa por influência, não por igualdade. Por esse prisma, percebe-se o pluralismo religioso como expressão de uma era de múltiplas modernidades, em diálogo com o neoconservadorismo, bem como o surgimento de movimentos neopentecostais. Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre essas três dimensões, tomando como referência o campo religioso brasileiro contemporâneo, a partir de uma metodologia de perspectiva qualitativa. Na conclusão, apontamos que se faz urgente adotar uma atitude desafiadora de abertura a diferenciação presente no campo religioso brasileiro.

#### Palavras-chave

Pluralismo religioso.  
Novos Movimentos Religiosos.  
Pentecostalismo.  
Neoconservadorismo.

## Abstract

As we know, the relationship between religious pluralism, neoconservatism, and neo-Pentecostal movements is marked by tensions and strategic alliances, namely: neo-Pentecostals and religious pluralism grow in pluralistic societies, but adopt a discourse of “spiritual warfare” against other religions (especially those of African origin); they seek cultural hegemony, challenging the idea of equality between religions. In turn, the alliance with neoconservatism has been expressed in sharing a moral agenda, as well as in the political arena, where they act in support of governments and laws aligned with traditional values. This articulation forms a pragmatic alliance: neo-Pentecostals gain political power, neoconservatives expand their base, and religious pluralism becomes a dispute over influence, not equality. From this perspective, religious pluralism can be seen as an expression of an era of multiple modernities, neoconservatism, and the emergence of neo-Pentecostal movements. Our goal, therefore, is to reflect on these three dimensions, taking as a reference the contemporary Brazilian religious field and a qualitative perspective methodology. In our conclusion, we point out that it is urgent to adopt a challenging attitude of openness towards the differentiation present in the Brazilian religious field.

## Keywords

Religious pluralism.  
New Religious Movements.  
Pentecostalism.  
Neoconservatism.

## Introdução

Sabemos que uma das questões trazidas pela pós-modernidade é sua ânsia por abertura e pluralidade. A globalização, o avanço das comunicações e a circulação de pessoas evidenciam a necessidade de abertura ao pluralismo de ideias, inclusive - e sobretudo - no âmbito da religião.

Sem negar a necessária firmeza nas próprias convicções - que, aliás, é condição prévia para o estabelecimento de um verdadeiro diálogo -, é preciso assumir uma atitude de maior abertura às posições dos outros e de maior tolerância diante das diferenças. Aliás, os próprios fatos exigem essa atitude.

No Brasil, essa realidade se impõe com clareza: o Censo do IBGE de 2010 consolidou uma tendência de diversificação religiosa, evidenciada pela redução do catolicismo (64,6%) e o crescimento dos evangélicos (22,2%), espíritas (2%), outras religiosidades (2,7%) e de pessoas sem religião (8%). Este cenário, no entanto, não resulta necessariamente em uma convivência harmoniosa entre as diferenças. Paradoxalmente, o próprio solo fértil do pluralismo religioso permite o florescimento de movimentos que contestam sua premissa fundamental de igualdade. No conjunto, esses dados indicam que houve um aumento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil,

confirmando uma tendência já verificada pelo Censo de 2000<sup>1</sup>. José Ivo Follmann, em entrevista à Revista IHU On-line, já observava que,

O censo 2010, refletindo uma tendência das últimas pesquisas, mostra como a esfera religiosa no Brasil vai se diversificando. Ou seja, a diversidade religiosa passa a ser sinalizada estatisticamente. Eu, até, diria que existe uma espécie de explosão da diversidade, como que reagindo contra os constrangimentos uniformes que precederam, na história brasileira, de quase quatro século de religião católica como religião oficial. Mesmo que isso tenha que ser considerado como um fato, é também de se observar que essa “identidade social” religiosa católica colada à brasilidade, mesmo que tenha sido, muitas vezes, constrangedora a outros empreendimentos institucionais religiosos, acabou sendo também um suave manto acolhedor de processos de identidade diversificados, na esfera religiosa, com camuflagem católica. Parte da grande diversidade religiosa que hoje explode e passa a ter afirmação pública própria, mesmo que ainda não se manifeste totalmente nas estatísticas, tem a ver com esse processo histórico.

A outra parte tem a ver, sobretudo, com confrontos explícitos na esfera religiosa, pela via da afirmação do segmento evangélico pentecostal e neopentecostal.

(<https://ihu.unisinos.br/?catid=0&id=513484> Acesso em 14/09/2012).

Esta diversidade não deve ser considerada como algo negativo. O pluralismo no âmbito religioso permite uma percepção de riqueza e com diferentes contributos, quase sempre complementares, acerca de diferentes temas, teológicos ou não, constitutivos das diferentes expressões religiosas. A disponibilidade para o diálogo com outras religiões, no mais puro sentido ecumênico, enriquece muito mais do que pode empobrecer ou pôr em perigo as próprias convicções; ao contrário, abre espaços e horizontes que, muitas vezes, não se encontram na própria experiência de pertencimento. As novas expressões religiosas oferecem perspectivas de projeção que obrigam a

<sup>1</sup> O mapa religioso brasileiro apontado pelo IBGE 2010, além de apontar para esta multiplicação de novas formas de expressão do religioso, mostra também, uma grande fragilidade dos números. Existe uma riqueza muito grande que subjaz e que as estatísticas ainda não estão conseguindo fazer emergir. O que está claro, ao longo das últimas três décadas, é um processo acelerado de inflexão nas forças da esfera religiosa. Por exemplo, nossa percepção a partir dos dados apresentados pelo Censo é de um Brasil predominantemente católico está-se caminhando para um Brasil onde a força do segmento evangélico pentecostal e neopentecostal tende a conquistar sempre maiores espaços.

ultrapassar as próprias fronteiras. Posto isso, afirmamos que o diálogo diante do pluralismo religioso é tanto desafiador quanto necessário.

É neste contexto que a relação, marcada por tensões e alianças estratégicas, entre pluralismo religioso, neoconservadorismo e movimentos neopentecostais se torna um objeto de análise crucial<sup>2</sup>. Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre essas três dimensões no campo religioso brasileiro contemporâneo, articulando como o neopentecostalismo, em aliança com o projeto neoconservador, estabelece com o pluralismo uma relação de dependência e confronto, transformando-o em um campo de batalha por influência e hegemonia.

### **Algumas ideias sobre pluralismo religioso**

De forma breve, portanto, pontuemos algumas ideias acerca de pluralismo religioso, que demarcam o caminho que pretendemos adotar nesta reflexão:

No mundo atual é fato que as religiões e as culturas se vejam obrigadas a conviver. Muitas sociedades são pluriculturais, ou seja, compostas por grupos procedentes de vários países. Em muitas cidades há bairros habitados majoritariamente por distintas etnias ou culturas específicas. As diferentes religiões já não são tão distantes entre si: agora convivem na mesma sociedade, até na mesma cidade. [...]. Já não é necessário viajar ou sair do próprio ambiente para encontrar-se com outros crentes, porque muitas famílias têm [...] membros de outra religião que não a tradicional da família. O pluralismo religioso não é uma teoria, é um fato, que se aproxima cada vez mais de nós em todos os âmbitos: na sociedade, na cidade, no trabalho, na comunicação, até mesmo na família. E

---

<sup>2</sup> A relação entre pluralismo religioso e neopentecostalismo não é de derivação direta, mas de reação e adaptação estratégica. Refletiremos aqui o pluralismo religioso como contexto (não como causa direta). A coexistência de múltiplas crenças em uma sociedade, criou condições para competição religiosa: neopentecostais surgem como agentes ativos nesse mercado, usando estratégias agressivas de proselitismo (ex.: crítica a outras religiões, uso da mídia); crise de hegemonias tradicionais: o enfraquecimento do catolicismo e a secularização abriram espaço para novos atores, como os neopentecostais. Porém, o neopentecostalismo não é um produto natural do pluralismo, mas uma reação a ele — buscando dominar, não apenas coexistir. No caso do neoconservadorismo, sabemos que este rejeita o pluralismo cultural (defendendo homogeneidade), mas usa o pluralismo político para conquistar poder (ex.: bancada evangélica), ou seja, ambos se alimentam do pluralismo (como contexto de atuação), mas não são consequências inevitáveis dele — são projetos políticos e religiosos que reagem contra a fragmentação que o pluralismo aprofunda.

ninguém pode se subtrair ao reconhecimento desta nova paisagem humana (Vigil, 2006, p. 27).

Alguns fatores, do ponto de vista social, explicam essa atual situação de pluralismo religioso, tais como: “interações religiosas importantes e ativas, a vida na cidade, a formação religiosa, os meios de comunicação bem como as redes sociais, o mundo do trabalho, estudantes, executivos profissionais que por seu trabalho levam um tipo de vida cosmopolita como cidadãos do mundo; há também a multiplicação dos casamentos mistos em sentido religioso” (Basset, 1999, p. 7). A questão “plural”, como marca significativa do nosso tempo, não parece ser uma novidade histórica, mas, sobretudo, um fato inerente à vida e exige de nós uma atitude epistemológica: compreender as consequências de uma realidade complexa e profunda da vida. Quando nos referimos ao pluralismo religioso, estamos dizendo que uma luz clareia o campo de forma paradigmática.

Concordamos com Luiz Carlos Susin, em Editorial da *Concilium*, (319 - 2007/1, p. 09), ao apresentar o pluralismo religioso sob sua forma ambígua. Essa ambiguidade nos instiga ao observar que o pluralismo religioso se apresenta como “a mais legítima e refinada expressão da identidade cultural, da sua raiz religiosa, da sua ‘alma’, com direito à diferença na biodiversidade humana, resistindo ao poder arrasador da pretensão de universalidade a partir do privilégio de ser o mais poderoso”.

Mais exatamente entendo por pluralismo não um fenômeno na mente de um pensador filosófico, mas um fato empírico na sociedade experimentado por pessoas comuns”. [...]. É uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente. Para ser dinâmico, ‘deve haver conversação constante’ [...]. E mais. ‘O pluralismo provoca uma situação na qual a relativização se torna uma experiência permanente’ (Berger, 2017, p. 20; 24).

O pluralismo religioso, como bem define Peter Berger (2017), não é uma mera teoria, mas um fato social empírico: a convivência pacífica e a interação entre pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades. Este fato é consolidado tanto pelas estruturas capitalistas quanto pelo Estado democrático, que legitimam um “leque de escolhas”, inclusive no que se

refere à escolha religiosa. A vida, outrora regida pelo "destino", torna-se uma arena de possibilidades e redefinições identitárias.

No entanto, é preciso observar que este mesmo pluralismo gera o que Berger denomina de "relativização permanente". A exposição constante a diferentes opções de sentido pode produzir uma ansiedade e uma crise de certezas. É precisamente nesta brecha que atuam movimentos religiosos que oferecem respostas absolutas e identidades fortemente demarcadas. Assim, o pluralismo, ao mesmo tempo que promove a diversidade, cria as condições para o surgimento de reações anti-pluralistas, que buscam restaurar uma ordem simbólica unívoca. O pluralismo, portanto, não é um estado terminal de harmonia, mas um campo dinâmico de forças em constante tensão.

Na esteira desse autor, vale observar ainda que, “a modernização leva a uma enorme transformação na condição humana, passando do destino para escolha” (Berger, 2017, p.26). Nessa condição pluralista, toda a vida se torna um interminável processo de redefinir quem o indivíduo é no contexto das possibilidades. Trata-se, portanto, de “um leque de escolhas” ao qual a condição pluralista coloca a vida humana e

[...] é consolidado pelas estruturas dos sistemas capitalistas, com seu enorme mercado de serviços, produtos e mesmo identidades, tudo protegido por um Estado democrático que legitima estas escolhas, inclusive a escolha da religião. Todas estas áreas da vida de um indivíduo foram um dia tidas como certas, estavam fadadas. Elas agora se tornam uma arena de escolhas (Berger, 2017, p. 27).

Quando nos referimos à pluralidade religiosa, pensamos em uma outra explicação que nos ajuda a entender esse tempo de escolhas. A modernidade foi fortemente atravessada pelo sonho cartesiano de fundamentação: encontrar a pedra angular sobre a qual se ergueria o edifício sólido e transparente da teoria, da ciência, do saber objetivo e verdadeiro. O propósito dessa perspectiva estava bem colocado: eliminar a insegurança, a fantasia, a incerteza e a dúvida. Possuir a certeza foi sempre o objetivo do projeto da modernidade. E, não somente isso, ao pretender utilizar a razão como chave da história, acreditava-se que seria possível o advento de uma sociedade humana mais justa, livre e racional. Esse sonho em termos de uma razão esclarecedora constituía-se em ferramenta para a construção de uma

humanidade definitivamente libertada de toda superstição e de toda a ignorância.

Portanto, a modernidade se apresentava como a época da secularização, compreendida como afirmação do secular, de sua consistência e de sua autonomia. Em outras palavras, as coisas mundanas, temporais, e próprias do século têm razão por si mesma. Nesse sentido, Deus, a religião e o sagrado apareceriam cada vez mais como não necessários para sustentar o mundo. Esse processo crescente de independência do mundo e de suas coisas, resultou na lenta e inexorável perda da relevância social e pública da religião. Isso significa que as diversas atividades humanas, como por exemplo, a política, a ciência, a arte e a moral, emancipar-se-iam da tutela da religião. A religião, sobretudo a cristã, monopolizadora até o momento do sentido, encontraria na razão pluralista e dividida, outras tantas ofertas de sentido/salvação. Portanto, no projeto da modernidade, a questão da religião não está vinculada ao seu fim ou à morte de Deus, mas a uma formação social que capacitaria culturalmente o indivíduo a fazer escolhas dentre tantos caminhos que a pluralidade oferece.

José Comblin, em um breve texto intitulado “As Religiões Hoje”, no qual apresenta um panorama conjuntural do comportamento da religião, incluindo expressões religiosas orientais, o cristianismo, os novos movimentos religiosos, além de antigas religiões indígenas e das antigas religiões africanas, conclui dizendo que:

O encontro entre as religiões ainda não está muito adiantado. As tarefas que se anunciam são imensas. Há trabalho para muitas gerações, mas isto não quer dizer que não se deva começar a partir de agora. As guerras religiosas sempre foram as mais terríveis. A ameaça sempre volta e por isso é preciso urgentemente iniciar um diálogo intenso em todos os setores da vida social. (<http://archivosagenda.org/pt/as-religies-hoje> - Acesso em 18/11/2024).

Na perspectiva a qual sinaliza José Comblin sinaliza, ao dizer que “*é preciso urgentemente iniciar um diálogo intenso em todos os setores da vida social*”, o Papa Francisco enfatiza essa ideia, mesmo que na perspectiva da paz, e diz:

O diálogo faz conviver pessoas de diferentes gerações, que muitas vezes se ignoram umas às outras; faz conviver cidadãos de diversas proveniências étnicas, de várias convicções. O diálogo é o caminho da paz, porque favorece o entendimento, a harmonia, a concordância e a paz. Porque isso é vital que cresça, que se dilate no meio de pessoas de todas as condições e convicções, como uma rede que protege o mundo e os mais frágeis. [...]. Cada um de nós é chamado a ser um artífice da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio em vez de conservá-lo, abrindo caminhos de diálogos em vez de erguer novos muros! Dialogar, encontrar-se para instaurar no mundo a cultura do diálogo, a cultura do encontro (Papa Francisco, 2014, p. 97/98).

A construção da paz não se limita apenas a erguer bandeiras brancas. Há algo de fundamental na construção de um processo nessa perspectiva. A citação acima, do Papa Francisco, apresenta palavras como “diálogo”, “conviver”, “entendimento”, “harmonia”, “concordância” e “encontro”. Na construção da paz, essas palavras não estão jogadas aleatoriamente. Elas estão situadas na base de uma utopia verdadeira e sincera: a paz que queremos construir. E mais:

A humanidade estará realmente ‘dando a volta por cima’ quando aprender efetivamente a dialogar nesta esfera onde historicamente se geraram os maiores fanatismos e intolerâncias. A história está repleta de eventos onde se fez guerra e se matou em nome de uma fé. Muitos também imolaram e imolam as suas vidas em defesa uma fé. Se quisermos efetivamente trabalhar pela paz, devemos empenhar-nos pelo cultivo do diálogo inter-religioso. Assim como já foi dito que o desenvolvimento é o novo nome da paz, assim também se pode dizer que o diálogo inter-religioso é o novo nome da paz. Diálogo só acontece quando se dá um verdadeiro reconhecimento do outro, do diferente. Diálogo só se faz possível se aqueles que dialogam entre si saibam cultivar sinceramente os seus próprios processos de identidade religiosa e se cultivarem, ao mesmo tempo, um grande reconhecimento dos processos de identidade religioso dos outros.

(Follmann. <https://ihu.unisinos.br/?catid=0&id=513484> Acesso em 14/09/2012).

Portanto, podemos afirmar com toda certeza que, quando os canais de diálogos estão obstruídos, não é possível nenhum encontro, não é possível uma relação face a face, não é possível um sair de nós mesmos. O Papa tem consciência do desafio do pluralismo, inclusive do pluralismo religioso.

## Novos movimentos religiosos

José Comblin denominou de “novos movimentos religiosos”, mas, também, podem ser observados como “novos cultos”, “movimentos religiosos contemporâneos”, “novos grupos religiosos” ou “movimentos religiosos alternativos” (Moralada, 1994, p. 12). Tais denominações escolhidas, contudo, não deixaram de trazer seus problemas, pois encerram ambiguidades conceituais. Esses diversos movimentos religiosos encontram-se situados numa teia de conflitos sociais, haja vista que o surgimento de novas seitas<sup>3</sup>, sobretudo na segunda metade do século XX, constituiu-se em sinais significativos no que se refere às fronteiras morais da sociedade moderna. Trata-se dessa expressividade plural de grupos e de indivíduos, manifestada em suas experiências religiosas, que se apresenta e chama a atenção de qualquer estudioso do fenômeno religioso.

Os “novos movimentos religiosos”, entre os quais se destacam os grupos neopentecostais, são um produto típico deste pluralismo. Eles emergem como uma entre muitas opções no “mercado religioso”. Sua característica, porém, ultrapassa a mera oferta de um produto espiritual, na medida em que evidenciam uma disputa pelo poder simbólico e social, promovendo mudanças profundas na relação entre indivíduo e sociedade (Robbins, 1988).

O conceito moderno de “Religião”, forjado no processo de secularização, mostra-se insuficiente para dar conta da diversidade subjacente a estas experiências. O pluralismo revela que não existe o “singular” na experiência religiosa; tudo é plural, fluido e transitório. O

---

<sup>3</sup> O termo “Seita” designa, “a noção de uma coletividade voluntária que se separou da corrente principal de ideias religiosas ou políticas e que ciosamente preserva a sua exclusividade social, cultural e ideológica”. “Ao nos referirmos a ‘Seitas’ no campo religioso, poderíamos, portanto, concordar com o seguinte: fala-se de um grupo cindido que se organiza como comunidade diferenciada em relação a uma das religiões universais, com uma cosmovisão original, algumas crenças peculiares e algumas práticas próprias (Moralada, 1994, p. 10).

trânsito religioso, a simultaneidade de práticas e as comunidades virtuais são a nova norma. No entanto, a resposta de muitos movimentos neopentecostais a essa fluidez é a construção de identidades rígidas e exclusivistas. Em um mar de escolhas, eles se apresentam como o porto seguro da verdade inquestionável, criando um "nós" contra "eles", que é funcional tanto ao proselitismo quanto ao projeto político que viriam a abraçar.

Portanto, por essa perspectiva, não existe o "singular" para falar de experiência religiosa, pois tudo é plural. Considere o caso de alguém se identificar como "neopentecostal": é cabível perguntar a qual a vertente se refere. E, mesmo em denominação específica, será que é "única"?

## **Sobre o neopentecostalismo**

Ao analisarmos a Reforma Protestante conjugada à emergência dos Estados modernos e da ciência, observamos o surgimento de processos de aprofundamento da diferenciação das esferas político-econômicas e científicas em relação à esfera religiosa, e daí as certezas de que a religião se retiraria gradativamente do espaço público. É importante lembrar que a Modernidade estava atravessada pelo sonho cartesiano de fundamentação: encontrar a pedra angular sobre a qual se eleva o edifício sólido e transparente da teoria, da ciência e do saber objetivo e verdadeiro. O objetivo dessa perspectiva era eliminar a insegurança, a fantasia, a incerteza e a dúvida. Possuir a certeza era o objetivo do projeto da Modernidade. Nesse bojo, portanto, o sonho darazão era ser a chave da história, com vista a possibilitar o advento de uma sociedade humana mais justa, livre e racional, sendo percebida como ferramenta para a construção de uma humanidade definitivamente libertada de toda superstição e de toda a ignorância.

A Modernidade passou, assim, a ser entendida como a época da secularização, entendida como a afirmação do secular e sua autonomia. Em outras palavras, as coisas mundanas, temporais, e próprias do século têm razão por si mesmas. Esse processo crescente de independência do mundo e suas coisas, resultou na lenta e inevitável perda da relevância social e pública da religião. Isto quer dizer que as diversas atividades humanas, como por

exemplo, a política, a ciência, a arte e a moral, emanciparam-se da tutela da religião. A religião, sobretudo a cristã, monopolizadora até o momento do sentido, encontrará na razão pluralista e dividida, com suas diversas visões e ideologias, outras tantas ofertas de sentido/salvação. Mas, será legítimo pensar o processo de diferenciação das esferas sociais, mesmo que constituindo uma dimensão fundamental da ordem social moderna, de forma reducionista como um movimento simples de retração do religioso?

É importante notar que a secularização é apenas um dos elementos de um processo histórico mais amplo, que inclui a emergência de um mercado impessoal, de um estado mais distante da regulação moral, de uma vida intelectual que dispensa a ideia de Deus e de uma experiência de individuação urbana mais escolarizada e autônoma. Com isso, é possível pensarmos no processo de diferenciação das esferas sem termos de nos restringir à perspectiva do paradigma secularista. Nesse sentido, é possível olharmos para o campo religioso como fator de mudanças, principalmente, ao verificarmos a quebra do monopólio de uma determinada tradição religiosa como a Católica, e pensarmos sobre o que está nos bastidores desse processo.

No caso brasileiro, um conseqüente decorrente desse processo de diferenciação é o avanço neopentecostal. Isso por ter generalizado seus ritos no espaço público através dos meios de comunicação e feito coincidir caridade e prosperidade econômica. Além disso, ressignificou duas categorias clássicas do cristianismo em suas práticas rituais mais significativas: o exorcismo e o donativo em dinheiro. Não apenas isso: verifica-se também uma ressignificação da “política” no âmbito da vivência neopentecostal, conforme observa Mariano (2022, p. 219-220):

A ascensão dos evangélicos, sob liderança pentecostal [...] se fez acompanhar de sua disposição de superar a condição de minoria (discriminada e perseguida, a seu ver) e de conquistar o “Brasil para Cristo”. Não se limitaram à ação proselitista para disputar a hegemonia religiosa. Visando a ocupação religiosa dos meios de comunicação, do espaço público (com marchas para Jesus), da política partidária e eleitoral e dos três poderes da República, engajaram-se em um ativismo político-religioso que confluiu na formação de uma direita evangélica com amplo suporte institucional, extensa base

parlamentar e crescente peso político, que deverá impactar cada vez mais os rumos e o futuro da democracia brasileira.

A análise do neopentecostalismo no Brasil não pode ser dissociada da sua relação ambígua com a modernidade e com o pluralismo. Se, por um lado, a modernidade promoveu a diferenciação das esferas sociais e a secularização, por outro, o neopentecostalismo ressignificou e reintroduziu o religioso no espaço público de forma agressiva e midiática. Ele não rejeitou a lógica moderna do mercado, mas a abraçou, fazendo coincidir caridade e prosperidade econômica e generalizando seus ritos através dos meios de comunicação.

É neste ponto que a articulação com o neoconservadorismo se torna estratégica e significativa para a nossa reflexão sobre o pluralismo religioso. O neopentecostalismo, ao crescer em um ambiente pluralista, adota um discurso de "guerra espiritual" que é, em essência, antipluralista. Ele não busca a igualdade com outras religiões, mas a hegemonia, especialmente contra as religiões de matriz afro-brasileira. No campo político, essa busca por hegemonia encontrou um aliado natural no projeto neoconservador, que compartilha uma agenda moral comum ("Deus, Pátria e Família") e uma visão de sociedade que desconfia da diversidade e defende hierarquias tradicionais. Esta não é uma mera coincidência de interesses, mas uma aliança pragmática e sinérgica para o neopentecostalismo, tal aliança oferece poder político. Ao apoiar governos e leis alinhadas a valores tradicionais, ele ganha influência para avançar sua agenda moral e ampliar seu espaço no campo religioso, desafiando o princípio pluralista da neutralidade estatal. Para o neoconservadorismo, por sua vez, a aliança oferece uma base de massa legitimadora. Os fiéis neopentecostais tornam-se um eleitorado mobilizado e coeso, que confere uma aura de moralidade e legitimidade popular a um projeto que é, em grande medida, econômico (neoliberal) e político, marcado pelo antagonismo às pautas progressistas.

Antes da realização do primeiro turno das eleições municipais 2024, o Intercept Brasil<sup>4</sup> On Line noticiou: "Manaus caminha para ter a primeira

---

<sup>4</sup> Fred Santana 20 de set de 2024, 12h56 Em colaboração com: Eleições 2024 parte 12.

Câmara de Vereadores 100% evangélica do país. Evangélicos já são mais da metade dos vereadores, e número deve crescer ainda mais nesta eleição”.

Manaus está caminhando para se tornar a primeira capital do Brasil a ter 100% de seu parlamento tomado por representantes de igrejas evangélicas. Hoje, mais da metade do legislativo já é ligada às igrejas - e a tendência, nestas eleições, é que o número aumente ainda mais. Nas eleições de 2012, apenas três pastores se elegeram e formaram a bancada evangélica de Manaus, o que representava apenas 7% do total de vereadores. Atualmente, a mesma bancada já compõe 54% do legislativo municipal, contando com 22 vereadores de diferentes denominações. Se a tendência de crescimento se mantiver, em 2028 ou no máximo 2030 toda a Câmara Municipal de Manaus será ocupada por parlamentares que se elegeram com a alcunha religiosa (Santana, 2024).

O conservadorismo neopentecostal no Brasil e na América Latina se expressa como uma força maciçamente política. É próprio de sua característica,

[...] defesa do nacionalismo exacerbado; religiosidade como sustentáculo do Estado; luta contra o comunismo, ideologia sionista e defesa incondicional do Estado de Israel; associação ao neoliberalismo - não intervenção do Estado na economia -, além de salvaguarda e manutenção das instituições tradicionais, hierarquias e desconfiança de alterações sociais bruscas, buscando manter a política estável com mudanças lentas e sólidas (Faenello, 2024).

Para exemplificar uma ação de expressão política, Nícolas Ferreira (PL/MG), da igreja Comunidade Evangélica Graça e Paz, destacou-se para eleição do Conselho Tutelar de Belo Horizonte, e conforme reportagem na Revista Piauí (Edição 217, 2024, p. 22), dos 45 conselheiros eleitos, 33 eram evangélicos. Outra:

O pai desse deputado, fundador da referida igreja, situada na Comunidade Cabana do Pai Tomás, em uma das regiões mais pobres de Belo Horizonte, no culto, ao começar a pastorear, diz o relato da reportagem: A sua voz é tranquila e firme. Não abre citando um trecho da Bíblia, mas interpretando a conjuntura social e política. Primeiro, fala da América Latina. ‘Aquele situação tão calamitosa que está acontecendo na Venezuela, que a grande mídia não mostra, mas a gente tem acesso através das redes sociais. O nosso governo está apoiando aquele ditador, isso é uma coisa muito séria’, diz.

Vocês podem dizer: ‘Mas, pastor, isso é um problema deles’. ‘Não é problema deles’. Enquanto estamos no mundo, ‘somos luz do mundo e sal da terra’. Da Venezuela pula para o Oriente Médio [...] (Piauí, 2024, p. 20).

Sabe-se ainda que,

A internet se tornou um espaço de fortalecimento e expansão desse ideal conservador, que pode ser observado no Brasil, ocupado por movimentos direitistas, surgidos a partir dos protestos de 2013, como: Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre, Revoltados Online, Proteste Já! A união desses grupos conservadores, somado ao fortalecimento do antipetismo (o Partido dos Trabalhadores/PT estava no poder do país nesse período) e o crescimento da presença evangélica no espaço público, são elementos que nos ajudam a compreender a ascensão do neoconservadorismo ao poder no Brasil a partir de 2016, o que será tratado no segundo artigo deste estudo (Faenello, 2024).

A consequência direta para o pluralismo religioso é profunda. Ele deixa de ser um campo de convivência entre iguais e se transforma em um palco de disputa por influência, no qual uma aliança poderosa busca impor sua visão de mundo como norma<sup>5</sup>. Os exemplos citados no texto - a possível Câmara 100% evangélica em Manaus, a eleição de conselheiros tutelares majoritariamente evangélicos em Belo Horizonte - não se configuram apenas casos de representatividade, mas sintomas de um projeto de poder que visa ocupar instituições para moldar a sociedade conforme seus preceitos, restringindo, na prática, o espaço e a voz de outras expressões religiosas e seculares.

Podemos sinalizar ainda outros desafios, os quais se fazem importantes destacar, mesmo que sucintamente: a) agressiva militância digital, que se estabeleceu e ganhou visibilidade através do eficiente uso da manipulação de informações e desinformações pelas redes digitais; b) o racismo estrutural, herança que ainda determina a inferiorização da maioria da população brasileira e é instrumentalizada como mecanismo permanente de dominação; c) o integralismo, inspirado no fascismo europeu e em sua versão local do

<sup>5</sup> Nos anos 1990-2000, o pluralismo religioso permitiu o crescimento neopentecostal, mas, ao atingirem massa crítica, esses grupos passaram exigir privilégios (ex.: ensino religioso em escolas); atacar símbolos do pluralismo (ex.: intolerância a cultos afro-brasileiros); apoiar neoconservadores para impor uma agenda moral (ex.: governo Bolsonaro), portanto, o pluralismo possibilitou o surgimento desses atores, mas eles não são seus herdeiros — são, em grande parte, seus contestadores.

começo do século passado; d) o fundamentalismo cristão de caráter ultraconservador, que assume uma agenda moral e projetos político-religiosos comuns, inserindo-se na engrenagem social como expressão de uma violência simbólica que não pode ser ignorada; e) a necropolítica, que associa grupos políticos e religiosos, tem no fundamentalismo religioso um de seus pilares. Seja pelo triunfalismo e pelo desejo de um domínio completo, seja pela simbiose entre a Teologia do Domínio e a Teologia da Prosperidade, a religião se tornou interlocutora em pé de igualdade com a política.

Hoje, esse é o chão do neoconservadorismo. E sobre ele pisam e se fincam as religiões que se apresentam nesse cenário de pluralismos.

O neoconservadorismo do tipo que observamos no Brasil, utiliza a religião na defesa de interesses econômicos e políticos e, conseqüentemente, como justificação ideológica, concepção religiosa que Marx criticou. Essa religião será útil na medida em que justifique, e cubra com a auréola da bondade espiritual, as estratégias adotadas no terreno material. Assim, uma religião que critique ou questione o estado de coisas será perigosa, e, por isso mesmo, buscará ser desautorizada pelos defensores desse sistema.

Por certo, há espaços para a religião do futuro, e isso está claro, desde que se recupere sua dimensão social. Caso permaneça focada exclusivamente às coisas do mundo sobrenatural, como realidades em si e absolutamente verdadeiras, não se perceberá um mundo por construir e, muito menos, enxergar a tarefa a enfrentar. Nesse sentido, “a busca da reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento da predestinação dos cristãos de ocuparem postos de comando no mundo (presidências, ministérios, parlamentos, lideranças de estados, províncias, municípios, supremas cortes - o domínio religioso cristão - para incidirem na vida pública” (Cunha, 2024, p. 117), configura-se, ao nosso ver, o caminho de uma referência teológica manipulativa, que enfraquece a confiança religiosa.

O desafio maior para uma vida de pertencimento religioso, contudo, parece continuar sendo o de pertencer e vivenciar, na vida cotidiana,

[...] uma rede de amores entrecruzados, reunidos em função de um bem comum. Amando a comunidade, presta-se serviço a todos. Pois a existência humana é necessariamente

comunitária. Quase todos os bens importantes são adquiridos comunitariamente (Comblin, 2004, p. 200).

## Considerações finais

Portanto, a relação do neoconservadorismo e do neopentecostalismo com o pluralismo religioso é paradoxal e instrumental. Eles são filhos do pluralismo, pois só florescem em sociedades abertas e diversificadas, nas quais a religião se tornou uma escolha. No entanto, sua trajetória e ambição são fundamentalmente hostis ao pluralismo em sua dimensão igualitária. Eles utilizam os mecanismos da democracia pluralista - a liberdade de expressão, a disputa eleitoral, a mídia - para avançar num projeto que, em seu cerne, aspira a uma certa homogeneização moral e religiosa, enfraquecendo a ideia de que todas as crenças merecem igual respeito e espaço na esfera pública.

O "chão" do neoconservadorismo, como apontado, é uma crise sistêmica - financeira, ambiental, social - que gera medo e incerteza. Neste terreno, a aliança com um neopentecostalismo que oferece certezas absolutas e bodes expiatórios (o "comunismo", as religiões afro, as "ideologias de gênero") torna-se poderosa. Esta simbiose ameaça transformar o pluralismo religioso, que poderia ser uma fonte de riqueza e diálogo, em um campo de batalha no qual a tolerância é interpretada como fraqueza e a diferença, como inimigo.

Diante deste cenário, a defesa de um pluralismo religioso autêntico - que não seja mera disputa por hegemonia - exige mais do que tolerância passiva. Exige, como sugerido inicialmente, uma "atitude desafiadora de abertura", isto é, um engajamento ativo na construção de uma esfera pública na qual o diálogo inter-religioso e secular seja a base para uma paz conflitiva, porém respeitosa. Torna-se, assim, urgente recuperar a dimensão social da religião como construtora de comunidades abertas e solidárias, em contraposição a projetos de poder que instrumentalizam a fé para fins de dominação. O futuro da convivência religiosa no Brasil dependerá, em grande medida, de nossa capacidade de navegar neste complexo e tenso jogo de forças.

## Referências

BERGER, Peter L. *Os Múltiplos Altares da Modernidade*. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

BASSET, Jean-Claude. *El diálogo interreligioso*. Desclée: Bilbao, 1999.

COMBLIN, José. *O Caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMBLIN, José. As Religiões Hoje. In: AGENDA latino-americana mundial. Disponível em: <http://archivosagenda.org/pt/as-religies-hoje>. Acesso em 18/11/2024.

CUNHA, Magali. Anos inquietantes: o processo de consolidação da direita evangélica no Brasil nas primeiras décadas do século XXI. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs). *A Salvação da Pátria Amada*. Religião e extrema direita no Brasil. São Paulo: Paulus, 2024.

FAENELLO, Daniele. “Deus, pátria e família”: o que é o neoconservadorismo em destaque na política do Brasil - parte 1. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/deus-patria-e-familia-o-que-e-o-neoconservadorismo-em-destaque-na-politica-do-brasil>. Acesso em 14/10/2024.

FOLLMANN, José Ivo. Trânsito religioso e o "permanente peregrinar". *Revista Eletrônica IHU On-line*. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/?catid=0&id=513484>. Acesso em 14/09/2012.

BATISTA JÚNIOR, João. A peça de Reposição. *Revista Piauí*, nº 217, outubro 2024.

MARIANO, Ricardo. Ativismo político de evangélicos conservadores rumo à extrema direita. In: INÁCIO, Magma; OLIVEIRA, Vanessa Elias de. (Orgs). *Democracia e eleições no Brasil: para onde vamos?* São Paulo: Hucitec, 2022.

MORALEDA, José. *As Seitas Hoje*. Novos Movimentos Religiosos. São Paulo: Paulus, 1994.

ROBBINS, Thomas. Converts and charisma: Religious. *Current sociology*. vol. 36, n ° 1, SAGE, London: 1988, caps. 6-7.

SANTANA, Fred. *Intercept Brasil*. On Line. 20 de set de 2024, 12h56. Em colaboração com: Eleições 2024 Parte 12.

SUSIN, Luiz Carlos; QUEIRUGA, Andrés Torres; VIGIL, José Maria. Emergência e urgência do novo paradigma pluralista. *Concilium*. Revista Internacional de Teologia, nº 319 - 2007/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. Para uma releitura pluralista. do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

VIGINI, Giluliano (Org.). *Papa Francisco, a Igreja da misericórdia*. Minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

Trabalho submetido em 17/02/2025.

Aceito em 24/11/2025.

Drance Elias da Silva

Doutor (2006) e Mestre (2000) em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharel em Filosofia (1989) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Bacharel em Teologia (1989) pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER). Atualmente é professor adjunto da Universidade Católica de Pernambuco - Mestrado em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia. Atua principalmente nos seguintes temas: Teoria da dádiva, Sociologia da Religião, Sociologia do dinheiro e sua relação com a Religião, Religião e Mudança Social. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Religiões, Identidades e Diálogos. Editor da Revista Teologia e Ciências da Religião da UNICAP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6821-6997>. E-mail: [drance.silva@unicap.br](mailto:drance.silva@unicap.br)